

LESBIANISMO, FEMINISMO E ACTIVISMO GAY: ALIANÇAS DIFÍCEIS

Ana Maria Brandão
Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Sociologia
anabrandao@ics.uminho.pt

RESUMO:

As questões lésbicas têm sido debatidas sob a influência quer do feminismo, quer do movimento lgbt. As lésbicas são lésbicas e mulheres. Os problemas com que se debatem situam-se no âmbito desta dupla pertença, complexificando alianças políticas e traduzindo dificuldades em determinar o que são “questões lésbicas” e a partir de que posição devem ser equacionadas. Este artigo apresenta uma análise exploratória dessas dificuldades no caso português, recorrendo a entrevistas a activistas de organizações lgbt nacionais. A localização das questões lésbicas numa zona de fronteira sugere a importância de uma abordagem específica que impeça a sua diluição no debate mais geral acerca da dominação masculina ou do heterossexismo.

PALAVRAS-CHAVE

Lesbianismo; feminismo; movimento gay e lésbico.

1. INTRODUÇÃO

O feminismo e o movimento lgbt têm constituído contextos fundamentais de teorização do lesbianismo. As lésbicas são mulheres e lésbicas. Os problemas com que se debatem situam-se no âmbito dessa dupla pertença, complexificando alianças políticas e traduzindo dificuldades em determinar o que são “questões lésbicas” e a partir de que posição devem ser enunciadas. Se se considerar que estas se referem não exclusivamente ao lesbianismo, mas especificamente aos assuntos que preocupam as lésbicas, é preciso ter presente, como sublinha Whisman (1993: 58), que as identidades sexuais e, portanto, as afiliações políticas que nascem delas são instáveis e contingentes, reflectindo mudanças sociais mais vastas.

A presença de lésbicas no movimento feminista desde o primeiro momento parece ser um facto incontornável, mas incómodo para muitas feministas não lésbicas. Todavia, o feminismo tem-se centrado na desconstrução das categorias de género, remetendo para segundo plano a desconstrução das categorias sexuais, essencial para as lésbicas (Echols, 1989; Calhoun, 1995; Castells, 1998; Marinho, 2001, 2002; Santos, 2005; Weeks, 1990). A discussão explícita do lesbianismo e da situação das mulheres lésbicas no seio do movimento feminista não se fez, portanto, sem lutas internas.

As acusações de lesbianismo têm sido usadas contra as pretensões feministas e a resistência de largos sectores do feminismo ao reconhecimento da presença das lésbicas enquanto lésbicas no seu seio e das suas aspirações – decorrente quer do heterossexismo, quer do receio de perda de credibilidade do movimento – tem sido amplamente debatida (Brandão, 2010; Echols, 1989; Whisman, 1993). Se o feminismo de primeira vaga parece tentou contornar a questão, ela emerge explicitamente com a segunda vaga, sob pressão das próprias lésbicas que integravam o movimento (Bryson, 1992; Echols, 1989; Evans, 1995; Jackson & Jones, 1998; Wilton, 1995). A noção de *woman-identified-women* foi usada, nesse contexto, para sublinhar a posição comum de feministas lésbicas e não lésbicas contra o patriarcado, mas acabou por abrir fendas ao eleger a heterossexualidade como fundamento primordial deste nos discursos mais radicais (Bryson, 1992; Echols, 1989; Whisman, 1993). Textos como o de Rich (1980) potenciaram uma ruptura entre as feministas que apelavam ao separatismo e encaravam o lesbianismo como a quintessência do feminismo e as que consideravam que feminismo e heterossexualidade não eram incompatíveis. Ao mesmo tempo, marcaram uma ruptura entre feminismo lésbico e activismo gay, entre outras razões porque a identificação com a categoria “mulher” não era prioritária para este (Castells, 1998; Epstein, 1999; Weeks, 1990).

As lésbicas estavam já presentes no movimento pela reforma sexual que antecedeu o movimento gay e lésbico propriamente dito, uma ligação que marcou a primeira separação face ao feminismo, no âmbito do qual não conseguiam exprimir-se enquanto tais (Weeks, 1990). Mas a aliança entre gays e lésbicas fortaleceu-se essencialmente a partir da década de 1980, abraçando uma viragem na teorização do lesbianismo, agora apostado no questionamento do binário de género a partir da análise da sexualidade não normativa (Burman, 2005; Calhoun, 1995; Whisman, 1993). Impulsionando a abordagem *queer*, que encara as identidades como eminentemente fluidas, múltiplas e instáveis, teses como as de Butler (1999) ou Wittig (1993) situam as lésbicas fora da categoria “mulher”, facilitando a associação aos gays e focando a luta política no combate ao heterossexismo. Todavia, como nota Castells (1998: 219-220), os gays são homens e a sua socialização como homens e os direitos de que gozam limitam a sua plena incorporação numa aliança anti-patriarcal.

Este artigo apresenta um estudo exploratório das relações entre lesbianismo, feminismo e activismo gay, contribuindo para a sua caracterização no contexto da sociedade portuguesa. A análise da natureza ambivalente dessas relações apoia-se nos resultados de entrevistas semi-directivas a activistas de organizações gays e lésbicas nacionais, nomeadamente o Clube Safo, o Grupo de Intervenção e Reflexão sobre o Lesbianismo (G.I.R.L.), o já extinto grupo de Trabalho Homossexual do Partido Socialista Revolucionário (G.T.H.-P.S.R.) e a Opus Gay. Os resultados apresentados fazem parte de uma investigação em curso, devendo ser analisados com prudência, e sugerem especificidades que situam as questões lésbicas numa zona de

fronteira, bem como a importância de uma abordagem que impeça a sua diluição no debate mais geral acerca da dominação masculina ou do heterossexismo.

2. ENTRE FEMINISTAS E GAYS: O ACTIVISMO LÉSBICO PORTUGUÊS

As feministas foram frequentemente classificadas como não sendo “verdadeiramente” mulheres, essencialmente pela sua pretensão a usurpar domínios tradicionalmente masculinos e pelo questionamento do destino que se supunha ser “naturalmente” o seu: o casamento e a maternidade. Também em Portugal, a sugestão, explícita ou implícita, de lesbianismo está presente desde a primeira vaga, destacando a não conformidade das feministas à categoria “mulher” (Brandão, 2010; Abranches, 2001; Emonts, 2001; Silva, 1983).

O receio da colagem ao lesbianismo ressurgiu com o feminismo de segunda vaga. Em Portugal, e à excepção de tentativas pontuais e efémeras ligadas a sectores mais radicais e minoritários, a questão nunca fez parte da agenda feminista e, no seio das organizações feministas, nunca chegou a haver grupos formais de lésbicas (Amaral & Moita, 2004; Marinho, 2001, 2002; Tavares, 2008). Contudo, a presença de lésbicas nas fileiras do feminismo português de segunda vaga é reconhecida, assim como as resistências a admiti-lo. As questões lésbicas terão sido sempre secundarizadas face às temáticas feministas tradicionais, como resulta claro das apreciações das próprias activistas:

Por aquilo que eu falei com pessoas que conheço, houve [...] muitas lésbicas envolvidas em grupos feministas logo a seguir ao 25 de Abril. Mas parece que “lésbica” era uma palavra um pouco feia de se dizer na altura e as pessoas estavam lá, fazia-se de conta que não havia lésbicas... // O que parece é que aquilo estava cheio de lésbicas, falando bem e depressa, mas, depois, o que se tratava era assuntos como o aborto, o costume dentro dos grupos feministas. E a não ser em grupos como o M.L.M. em que, pelos vistos, andou-se a discutir um pouco por que é que estas coisas acontecem, nos outros grupos, a coisa entrou não propriamente por esses lados... // Acho que lhes fazia um pouco de impressão que as pessoas assumissem, na altura, que eram lésbicas. Como contaram algumas pessoas, era uma palavra que nem se dizia lá dentro...

(Susana Marinho, G.I.R.L., 07 Maio 2003)

Apenas em 2002 as tentativas de aproximação entre, pelo menos, certas organizações feministas e as associações lésbicas entretanto criadas parecem começar a frutificar, culminando na divulgação de um Manifesto Lésbico aquando da realização da Marcha Mundial de Mulheres, em Lisboa (Tavares, 2008: 469). Mas a inclusão de grupos lésbicos em plataformas e fóruns de que fazem também parte grupos feministas é lida com cautela por parte das activistas lésbicas, que sublinham a pressão exercida para garantir essa participação e denunciam a persistência de resistências (cf. Marinho, s.d., 2001, 2002).

Apesar disso, o feminismo terá contribuído para a consciencialização política das lésbicas portuguesas, proporcionando oportunidades de participação na vida pública e de mobilização política que facilitaram a formação dos primeiros grupos especificamente lésbicos em Portugal (Marinho, s.d., 2001, 2002; Santos, 2005). O activismo lésbico nacional dá os primeiros sinais de vida no início da década de 1990, com a publicação de duas revistas – a *Organa* (1991) e, posteriormente, a *Lilás* (1993) – sob a influência de mulheres que haviam estado ligadas, directa ou indirectamente, a organizações feministas. Uma das entrevistadas sugere que estas iniciativas terão decorrido da impossibilidade de as lésbicas se fazerem ouvir dentro das organizações feministas, ainda que a maioria as encare sobretudo como o corolário do envolvimento das suas fundadoras no movimento feminista:

As associações portuguesas, as revistas, esses grupos de trabalho, surgem naquela altura em que o movimento feminista está a querer afastar as lésbicas lá de dentro. Está a querer não ser identificado como um movimento com tendências lésbicas...

(Anabela Rocha, *Opus Gay*, 28 Março 2003)

[...] na vaga do feminismo dos anos oitenta, as questões lésbicas eram muito fortes no estrangeiro [...] e algumas portuguesas foram beber isso ao estrangeiro, por contactos de livros ou mesmo por vivências. // A *Organa* vai congrega um grupo de mulheres que, na sua maioria, já tinha pertencido a organizações feministas, juntando aquilo que existia do feminismo nacional com essas influências do estrangeiro de um lesbianismo mais radical.

(Fabiola Cardoso, *Clube Safo*, 07 Maio 2004)

A primeira (e única) organização exclusivamente lésbica portuguesa – o Clube Safo – é fundada em 1996. Em 1998, surge o Grupo de Mulheres e, em 2000, o GIRL, ambos no seio da Ilga-Portugal. Apesar de as três organizações terem raízes nos grupos de mulheres envolvidos na publicação da *Organa* e da *Lilás*, apenas a primeira não faz parte de uma associação lgbt. Uma das fundadoras do Clube justifica esta opção pelo facto de as organizações lgbt apostarem na defesa dos direitos e pontos de vista dos gays, negligenciando a discussão de questões que preocupam especificamente as lésbicas:

Não existe, dentro da Ilga, um Grupo de Homens! É porque eles se vêem representados no todo! // Uma das coisas que nos perguntam muitas vezes é porquê uma associação só de mulheres e eu gostava que não fosse preciso [...], mas o que eu sei de experiência é que não é a mesma coisa termos trinta mulheres a terem uma conversa ou termos quinze homens e quinze mulheres a terem uma conversa. O nível de participação, o nível de intervenção de homens e mulheres, quando estão juntos, é diferente! O tipo de preocupações, o tipo de actividades, é diferente!

(Fabiola Cardoso, *Clube Safo*, 07 Maio 2004)

Estas dificuldades, associadas aos efeitos da dominação masculina, são também reconhecidas pelas activistas lésbicas pertencentes a organizações mistas e por alguns activistas gays:

[...] eu acho que [as associações lésbicas], nas associações gay, às vezes, se formam muito [...] em contraposição com as dos gays porque os gays exibem um sexismo muito semelhante àquele que as lésbicas já conhecem dos homens, o que é curioso!

(Sérgio Vitorino, *GTH-PSR*, 20 Maio 2003)

Esta associação [Ilga-Portugal], quando nós chegámos cá, era uma associação gay e lésbica, em geral... Só que funcionava na componente G. [...] foi um trabalho interessante criar essa componente L cá dentro, embora tenha dado alguma luta porque os gays são, uma parte deles, bastante misóginos...

(Susana Marinho e Luísa Corvo, *G.I.R.L.*, 07 Maio 2003)

A defesa dos direitos das lésbicas continua, assim, a debater-se com o problema da sua não completa inclusão nas organizações feministas ou gays e com a dificuldade de equacionar o combate político a partir de bases associativas distintas que tendem a subalternizar uma das dimensões da sua dupla pertença.

3. COMO EQUACIONAR AS “QUESTÕES LÉSBICAS”?

Calhoun (1995) argumenta que as agendas feministas têm contribuído para manter as lésbicas “no armário” essencialmente porque o lesbianismo desafia dois pressupostos essenciais da teoria feminista: o de que a trajectória “normal” da mulher inclui a heterossexualidade adulta, o casamento e a maternidade; e o da suposta continuidade entre sexo, género, identidade e sexualidade. Se esta postura facilita a aliança com os gays por via da contestação da sexualidade normativa, pode, pela mesma razão, dificultar a ligação ao feminismo:

[...] eu tenho um posicionamento muito mais [...] radical do que a maioria das feministas heterossexuais. // Pela maneira, por exemplo, como contesto os modelos heterossexuais que a maioria das feministas não contesta. Contestam a posição da mulher, mas não a relacionam completamente com a questão da heterossexualidade.

(Susana Marinho, *G.I.R.L.*, 07 Maio 2003)

A aliança com o activismo gay é justificada, fundamentalmente, pela similaridade de condição de gays e lésbicas no que respeita ao objecto de desejo. Mas tanto activistas lésbicas, como gays sublinham a ligação prioritária do lesbianismo ao feminismo:

O entrosar do movimento lésbico é com o movimento feminista, prioritariamente. Os problemas com que as lésbicas se debatem são problemas [...] com que as mulheres, em geral, se debatem, tendo [...] o problema, para além disto, de terem envolvimento com pessoas do mesmo sexo. E é aí [...] que elas correm a par connosco porque também nos envolvemos com pessoas do mesmo sexo.

(António Serzedelo, *Opus Gay*, 28 Março 2003)

[...] para mim, ser lésbica implica ser feminista também. // Do meu ponto de vista, parece-me que um dos aspectos importantes de ser lésbica é dar prioridade às mulheres.

(Luísa Corvo e Susana Marinho, G.I.R.L., 07 Maio 2003)

Existem, porém, lésbicas que são vistas – e que se vêem – como mais próximas dos gays do que das feministas, nomeadamente no que respeita a estilos de vida e visões do mundo. A politização desta divergência sustentou tentativas de policiamento das condutas e de distinção entre “verdadeiras” e “falsas” lésbicas por parte do feminismo lésbico, acusado de alienar, assim, uma parte importante da experiência lésbica e de afastar muitas mulheres das suas fileiras (Echols, 1989; Roof, 1998; Whisman, 1993; Wittig, 1993). Esta tentação está implicitamente presente nos discursos de algumas activistas:

[...] muitas pessoas definem-se como lésbicas só pelo facto de terem uma relação sexual com uma mulher! // Até podem ter [...] posições extremamente machistas, ou imitarem modelos que [...] me fazem muita confusão... Porque isto faz parte de um pacote! O ser lésbica é uma das propriedades de um pacote total!

(Luísa Corvo, G.I.R.L., 07 Maio 2003)

O problema de saber o que são “questões lésbicas” exige situá-las num ponto de apoio eminentemente instável do ponto de vista teórico – o que define o lesbianismo pode ser tanto um desejo, como uma prática e/ ou uma identidade – e político – na medida em que a aliança prioritária pode fazer-se com o feminismo ou com o activismo gay. Algumas activistas sublinham a necessidade de atender a estas múltiplas dimensões, que, simultaneamente, definem um domínio de teorização e acção específico:

Se representarmos isto num diagrama, questões feministas, questões de homossexuais, as lésbicas [...] têm questões comuns com estas, têm questões comuns com estes, mas têm questões que são muito próprias [...]. // Nem as lésbicas se vão diluir no movimento feminista, nem no movimento gay e lésbico. Existirão sempre estas zonas de entreaajuda e interface, mas também haverá sempre questões que dizem especificamente respeito às lésbicas e [para as quais] elas se devem organizar.

(Fabíola Cardoso, *Clube Safo*, 07 Maio 2004)

As “questões lésbicas” situam-se, em suma, na intersecção da dupla condição das lésbicas de mulheres e homossexuais, partilhando, como sublinha Castells (1998), com os gays, a luta contra a homofobia e com as feministas, a defesa dos direitos económicos e reprodutivos das mulheres. Mas como nem as identidades de género, nem as identidades sexuais são concebidas de forma unívoca, a teorização sobre o lesbianismo enfrenta a necessidade de atender a esses entendimentos múltiplos, sob pena de alienar parte do seu público-alvo.

4. CONCLUSÃO

A teorização acerca do lesbianismo tem decorrido sob a influência do feminismo e do activismo gay, reflectindo, simultaneamente, as alianças difíceis entre activismo lésbico, feminismo e activismo gay. O facto de as lésbicas serem mulheres – portanto, sujeitas à dominação masculina – contribuiu para a uma maior proximidade inicial ao feminismo, quer de primeira, quer de segunda vagas. A despeito de partilharem com os gays as consequências do heterossexismo, a ligação ao activismo gay terá sido potenciada, essencialmente, pela resistência de vastos sectores do feminismo à inclusão explícita das questões lésbicas na sua agenda política. Se o ataque ao patriarcado uniu feministas e lésbicas, as críticas do feminismo lésbico radical à heterossexualidade e a concepção do lesbianismo como acto primordial de resistência política geraram rupturas com vastos sectores do feminismo. Ao mesmo tempo, sustentaram um policiamento das identidades lésbicas em função de uma certa ideia de quem é/ deve ser a “verdadeira” lésbica que afastou muitas mulheres das suas fileiras, sobretudo as que não se definiam como feministas ou cujo feminismo era secundário face ao seu lesbianismo.

A definição do que são “questões lésbicas” tem, assim, sido atravessada por diferentes visões do que significa ser lésbica e do que é o lesbianismo. O problema não parece residir apenas no seu conteúdo, mas mais propriamente no facto de se privilegiar uma ou outra dimensão de pertença: para as mulheres que privilegiam a pertença à categoria “mulher”, a aposta situa-se primariamente na crítica ao patriarcado, de onde decorrem as restantes problemáticas, e na ligação ao feminismo; para as que privilegiam a pertença à categoria “lésbica”, a aposta situa-se primariamente na crítica ao heterossexismo e na ligação ao activismo gay. Estas dificuldades traduzem o facto de as identidades – e, portanto, as identidades lésbicas – serem histórica e socialmente contingentes. Ao tomar como objecto as “questões lésbicas”, a teoria lésbica está sujeita a mudar com um objecto que é inevitavelmente instável, situado numa zona de fronteira, e enfrentando a necessidade de atender a entendimentos múltiplos das identidades sexuais e de género (e da ligação entre ambas) que têm também impactos na sua agenda política.

REFERÊNCIAS

- Abranches, Graça (2001). Homens, mulheres e mestras inglesas. In Maria Irene Ramalho & António Sousa Ribeiro (org.), *Entre ser e estar* (pp. 255-305). Porto: Afrontamento.
- Amaral, Ana Luísa & Moita, Gabriela (2004). Como se faz (e desfaz) o armário: Algumas representações da homossexualidade no Portugal de hoje. In Fernando Luís Cascais (org.), *Indisciplinar a teoria: Estudos gays, lésbicos e queer* (pp. 99-115). s.l.: Fenda.
- Brandão, Ana Maria (2010) (no prelo). Not quite women: Lesbian activism in Portugal. In Alison Woodward, Jean-Michel Bonvin & Mercè Renom (eds.), *Transforming gendered well-being in Europe: The impact of social movements*. Farnham: Ashgate.
- Bryson, Valerie (1992). *Feminist political theory: An introduction*. New York: Paragon House.
- Burman, Erica (2005). Contemporary feminist contributions to debates around gender and sexuality: From identity to performance. *Group Analysis*, 38 (1), 17-30.
- Butler, Judith (1999). *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge.
- Calhoun, Cheshire (1995). The gender closet: Lesbian disappearance under the sign “women”. *Feminist Studies*, 21 (1), 7-34.
- Castells, Manuel (1998). *The information age: Economy, society and culture*, vol. II. Cornwall: Blackwell Publishers.
- Echols, Alice (1989). *Daring to be bad: Radical feminism in America, 1967-1975*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Emonts, Anne Martina (2001). “Onde há galo não canta galinha”: *Discursos femininos, feministas e transgressivos nos Anos Vinte em Portugal*. Lisboa: Organizações Não Governamentais do Conselho Consultivo da Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.
- Epstein, Steven (1999). Gay and lesbian movements in the United States: Dilemmas of identity, diversity, and political strategy. In Barry D. Adam, Jan Willem Duyvendak & André Krouwel (eds.), *The global emergence of gay and lesbian politics: Imprints of a worldwide movement* (pp. 30-90). Philadelphia: Temple University Press.
- Evans, Judith (1995). *Feminist theory today: An introduction to second-wave feminism*. London: Sage.
- Faderman, Lilian (1992). *Odd girls and twilight lovers: A history of lesbian life in twentieth-century America*. n.p.: Penguin Books.
- Guinote, Paulo (2001). *Quotidiano feminino: 1900-1940*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Jackson, Stevie & Jones, Jackie (eds.). *Contemporary feminist theories*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Marinho, Susana (2002). LGBT e outros movimentos sociais. Comunicação apresentada no ciclo de debates 10 Anos de Luta pelo Direito à Felicidade. Disponível: http://www.geocities.com/girl_ilga/intervencaoGTH.htm [2002, Setembro 22].
- Marinho, Susana (2001). LGBT e outros movimentos sociais. Comunicação apresentada no ciclo de debates 10 Anos de Luta pelo Direito à Felicidade. Disponível: http://www.geocities.com/girl_ilga/intervencaoGTH.htm [2003, Abril 16].
- Marinho, Susana (s.d.). Contribuição para a história do lesbianismo em Portugal. Disponível: http://www.geocities.com/girl_ilga/histlesport.htm [2005, Janeiro 24].
- Rich, Adrienne (1980). Compulsory heterosexuality and lesbian existence. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, 5 (4), 631-660.
- Roof, Judith (1998). 1970s lesbian feminism meets 1990s butch-femme. In Sally R. Munt (ed.), *butch/ femme: Inside lesbian gender* (pp. 27-35). London: Cassell.

- Santos, Ana Cristina (2005). *A lei do desejo: Direitos humanos e minorias sexuais em Portugal*. Porto: Afrontamento.
- Silva, Maria Regina Tavares da (1983). Feminismo em Portugal na voz de mulheres escritoras do início do século XX. *Análise Social*, 19 (77-78-79), 875-907.
- Tavares, Maria Manuela Paiva Fernandes (2008). *Feminismos em Portugal (1947-2007)*. Tese de doutoramento. s.l.: Universidade Aberta.
- Weeks, Jeffrey (1990). *Coming out: Homosexual politics in England from the nineteenth-century to the present*. London: Quartet Books.
- Whisman, Vera (1993). Identity crisis: Who is a lesbian anyway? In Arlene Stein (ed.), *Sisters, sexperts, queers: Beyond the lesbian nation* (pp. 47-60). New York: Plume.
- Wilton, Tamsin (1995). *Lesbian studies: Setting and agenda*. London: Routledge.
- Wittig, Monique (1993). One is not born a woman. In Henry Abelove, Michèle Aina Barale & David M. Halperin (eds.), *The lesbian and gay studies reader* (pp. 103-109). New York: Routledge.